Reflete e Prossegue

Tânia Melo
Pelo Espírito Irmão Clementino

CASA BENDITA

Tânia Melo
pelo Espírito Irmão Clementino

Reflete e Prossegue

EDIÇÃO PARA ESTUDO NA FAK – **2023.03.02**

FAK - Fundação Allan Kardec

Conteúdo

1 *Por que refletir? Por que prosseguir?* 10

2 *A alegria e o dever* 12

3 *A barca, o roteiro e o leme* 14

4 *A necessidade e a busca* 16

5 *A charrua e o cavalo* 18

6 *A cruz e o caminho* 20

7 *A dor e o porvir* 22

8 *A quem sirvo?* 24

9 *A verdadeira obra do Cristo* 27

10 *Seguidores de hoje* 29

11 *Colecionadores de religiões* 31

12 *Confiai no Bom Pastor* 33

13 *Construindo a casa "sobre" a rocha* 35

14 *Cordeiros de Deus* 37

15 *O que te inspira?* 39

Dedicado a todos os trabalhadores da FAK.

Prefácio

A obra é uma coletânea de mensagens, recebidas por meio da psicografia, pela médium Tânia Melo, entre os anos 2012 e 2017, de autoria do espírito que se apresentou como Irmão Clementino.

Inicialmente, as mensagens começaram a ser transmitidas durante as atividades regulares da instituição, em encontros de avaliação e em momentos reservados para o exercício psicográfico da médium. Com o tempo, e em razão do acompanhamento sistemático dispensado à trabalhadora e à sua produção, os responsáveis institucionais perceberam que os conteúdos guardavam um nexo ostensivo entre si, qual seja, o propósito do autor espiritual em suscitar no profitente da Doutrina Espírita, especialmente o que atua como trabalhador, a imperiosidade de conduzir-se na vida com mais consciência da sua condição de Espírito imortal e, por isso, com mais responsabilidades sobre as motivações de suas escolhas e ações.

De pronto, emergiu o nome do projeto: REFLETE E PROSSEGUE. E, então, as mensagens passaram a ser recebidas, com acompanhamento e avaliação, em horário e ambiente adequados, especificamente reservados para tal.

Quanto à forma, é possível perceber que cada mensagem é estruturada com a apresentação do tema a ser desenvolvido, seguida das argumentações que embasam a análise do autor e finalizando com uma reflexão relevante para que o ser possa ajustar sua caminhada e prosseguir mais confiante rumo ao progresso inevitável. Os parágrafos, geralmente curtos, são grafados em linguagem didática, ricos em conteúdos evangélicos e espíritas, com conceitos claros, fazendo uso de comparações e de elementos da natureza ou da interação com esta.

Quanto ao conteúdo, pode-se afirmar que, em essência, ele é formado por robustos e bem fundamentados convites para que o ser torne a reflexão um ato impostergável do seu quotidiano, único capaz de lhe oferecer sustentação para prosseguir na busca de seus ideais de espírito imortal. Esse é o imperativo presente em todas as mensagens.

Inobstante esse foco comum, avaliando-se os diversos temas tratados nas cinquenta mensagens, constata-se que elas se apresentam vinculadas aos seguintes macros temas:

- As dores como consequência de nossos desatinos, nossa ignorância ou rebeldia diante dos processos de evolução espiritual, as quais são tratadas com relativa dose de consolação ao Espírito, dada a fase em que se encontra;

- Os convites da vida aos que precisam despertar para a necessidade do autoconhecimento e da promoção do bem, como meio para a realização de conquistas morais;
- A bênção que é o encontro com o Espiritismo, descortinando um mundo de conhecimentos novos e de trabalhos renovadores, ensejando mais lucidez em relação aos objetivos da vida e às formas de alcançá-los;
- O fato de que estudo e trabalho sem efeitos na renovação íntima, não bastam, e deixam em desaprumo o candidato a servo renovado.

Mesmo tratando de temas diversos, o mote pedagógico de todas as mensagens é sempre no sentido de reiterar a necessidade de o trabalhador refletir para prosseguir, identificando seus sentimentos, ideias e atitudes para poder seguir adiante, confiando na misericórdia de Deus, mesmo em face de provas desafiadoras.

Essa estratégia de apresentação dos temas, ao que parece, expressa a percepção do autor sobre a rota experimentada pelo Espírito na busca de assimilar sua condição de Filho de Deus, passando por diversas estações de aprimoramento intelecto-moral, nas quais muitas questões lhe são apresentadas, no intuito de o levarem a refletir, visando encontrar caminho seguro para prosseguir.

Tal estratégia pode ser percebida na forma como o autor estruturou o prefácio. Nele, as ditas "estações" foram identificadas por meio de afirmativas que passaram a ser tidas como definidoras dos macros temas acima identificados, conforme quadro abaixo:

Macros tema	Afirmativa do autor
As dores como consequência de nossos desatinos.	"Em algum momento, o homem no mundo sentirá a necessidade de evadir-se do furacão tormentoso gerado pela rotina devastadora dos prazeres meramente materiais (...)".
Os convites da vida para o despertamento.	"(...) quando se inicia o processo de autoencontro (...) o ser é atraído para pessoas, situações e ambientes que o transportarão para novas paisagens mentais. Um convite começa a tilintar na mente: é o chamado do Cristo."
A bênção que é o encontro com o Espiritismo.	"A Doutrina Espírita, em seu tripé filosófico, científico e religioso, entendida em seus fundamentos e adotada como bússola de consolação, renovação e libertação, converte-se em efetiva bênção".
Estudo e trabalho sem efeitos na renovação íntima, não bastam.	"O conhecimento da doutrina não se sustenta, nem ganha profundidade se não estiver associado à sua proposta de renovação íntima. (...)"
Macro tema de fundo ou mote pedagógico de todas as mensagens: refletir para prosseguir.	"Imprescindível refletir perante os desafios, os exteriores e aqueles cujas nascentes encontram-se em nosso íntimo (...). Imperioso prosseguir, caminhando a cada dia, entendendo o papel da dor, confiando na misericórdia, justiça e amor de Deus (...)".

A obra foi entregue para a Comissão de Revisão em abril de 2017 e, desde então, uma vez por semana (no início eram 3 vezes), cada mensagem foi avaliada, revista e ajustada, em um processo de intensa e séria dedicação. Do escrutínio minucioso realizado em cada parágrafo, ideia, afirmação ou ensino presente em cada mensagem, restou a convicção para os membros da Comissão de que a obra, embora simples e sem pretensões de novidade, é um vigoroso convite para todos os interessados em conduzir a vida de forma responsável e consentânea com suas condições de espíritos imortais.

Porém, é principalmente para os espíritas e trabalhadores espíritas que a obra se revela imprescindível. Para estes, que dispõem dos inigualáveis conhecimentos propiciados pela Doutrina Espírita, é inconcebível caminhem distraídos, ignorando ou fazendo pouco caso de suas condições de seres transcendentes, reencarnados para progredir em direção de seus destinos como Filhos de Deus.

Espera-se que, assim como já aconteceu com os revisores, médium e seus acompanhadores, a obra também possa contribuir com inspirações e mudanças na forma de pensar e de se posicionar na vida. Boa leitura.

Manaus, 21 de Outubro de 2023.

Comissão Editorial

Reflete e Prossegue

Atualmente, em razão das tragédias físicas e morais que parecem se avolumar, a humanidade vem buscando, a todo momento, respostas para questões existenciais. Perguntas intermitentes que não se achavam respondidas, perdidas no vácuo da consciência periférica, vêm à tona.

Em algum momento, o homem no mundo sentirá a necessidade de evadir-se do furacão tormentoso, gerado pela rotina devastadora dos prazeres meramente materiais. As volúpias experimentadas ensejarão confrontos com a consciência, onde se encontra insculpida a lei divina. O que se apresentar como consequência de agravos a essa lei, fará parte do processo expurgatório. Atingindo os limites do usufruto das paixões desenfreadas, o ser buscará o reconforto das sensações mais amenas. Um convite começa a tilintar na mente: é o chamado do Cristo.

"Vinde a mim os aflitos, que eu os aliviarei.".

"Vinde a mim os que têm sede de justiça, porque serão saciados.".

"Vinde a mim os que sofrem perseguição, porque encontrarão a paz.".

O chamado atende a toda ordem de necessidade. E, assim, chegam aos ambientes cristãos pessoas motivadas por razões diferentes quanto à forma, mas similares quanto à essência. E esta é a mesma que atraiu o apóstolo dos gentios, que esteve cego na incompreensão das leis sagradas; a mesma que atraiu a Flor de Magdala, que sentia o coração ressequido, sem o néctar do amor verdadeiro; e a mesma que atraiu Zaqueu, o publicano solitário, sedento da verdadeira riqueza.

Mais cedo ou mais tarde todos buscam a essência: o amor. Este é o alimento indispensável e o combustível necessário para continuar a caminhada. Por esta razão, as congregações evangélicas, as associações católicas, os centros espíritas atraem muitos dos que estão em busca de saciar a sede de amor.

A multiplicação das ideias espiritistas, fundamentadas na crença da vida após a morte, na comunicabilidade dos espíritos – trazendo esperança aos que se veem apartados dos corações afins – chama atenção daqueles que buscam bem-estar.

A Doutrina Espírita, em seu tripé filosófico, científico e religioso, entendida em seus fundamentos e adotada como bússola de consolação, renovação e libertação, converte-se em efetiva bênção.

Assim, nos Centros Espíritas, a cada dia, chegam grande número de aflitos, perseguindo a compreensão do mundo íntimo e dos mistérios da vida; curiosos e estudantes, ávidos pelo conhecimento revelador. Entretanto, o conhecimento da doutrina não se sustenta, nem ganha profundidade se não estiver associado à sua proposta de renovação íntima.

Ao consumir o conteúdo do Pentateuco Espírita, refazem-se as energias, fortalece-se a fé, compreende-se melhor as dores, obtém-se mais clareza sobre possibilidades de cooperação na obra divina.

Então, voluntários dispostos ao trabalho cristão começam a surgir, ávidos por praticar o bem, na ansiedade que faz joça ao aprendizado mais profundo. Amplia-se o rol de amizades honestas e o campo dos afetos, mas, não seremos isentados de esforço próprio e nem poderemos usar como moeda de troca, para remissão de desacertos, o dízimo do trabalho ou o conhecimento amealhado, especialmente em planeta de provas e expiações.

Entretanto, trabalho no bem, em soma de atividades múltiplas ou a ocupação integral do tempo com práticas assistenciais, também carece da solidez de elementos racionais para apoiar o processo de autoconhecimento.

Ocorre que não se dá em pouco tempo o tão comentado equilíbrio entre trabalho e estudo, crescimento moral e intelectual. Estudo e trabalho, se estiverem desajustados, deixam em desaprumo o candidato a servo renovado.

Imprescindível refletir perante os desafios, os exteriores e aqueles cujas nascentes encontram-se em nosso íntimo, para auscultar os próprios sentimentos e conhecer-se. Imperioso prosseguir, caminhando a cada dia, entendendo o papel da dor, confiando na misericórdia, justiça e amor de Deus, convencidos de que se está fazendo o melhor que é possível.

Refletir e prosseguir, sem justificações escapistas ou ânsia de avançar além do limite das forças. Eis o convite despretensioso, porém, sério e responsável, o chamado à reflexão para que o trabalhador torne seus dias mais plenos.

Amigo, perante os sentimentos, ideias e atitudes que revelam teu estado interior, reflete! Diante das provas desafiadoras que te visitam os dias, reconhecendo a misericórdia de Deus, prossegue!

Reconhecendo as imperfeições que ainda fazem parte do que somos, apresentamos aqui mensagens extraídas de nossas próprias vivências, estudos e experiências nos campos físico e espiritual, acompanhando as lides espíritas desenvolvidas neste orbe, transmutadas em convites alicerçados em nossos mais sinceros desejos de contribuir.

Que tais reflexões – nossa messe de amor aos que labutam na seara espírita – possam habilitar o leitor amigo – hoje, amanhã e sempre – a rever os próprios caminhos, bendita oportunidade que temos tido, como pequenos servos e aprendizes.

Aos trabalhadores do Cristo, envolvidos pela vontade de regenerar-se, que as bênçãos do Pai possam guiar seus dias! Louvemos as alegrias diárias dos que servem com consciência e amor! Louvemos, também, a dor que nos visita, quando em vez, obrigando-nos a utilizar todos os recursos de que dispomos e ensinando-nos a encontrar novos.

Que Jesus, tradução das mais belas esperanças e dos mais valiosos tesouros, continue abençoando-nos na caminhada!

Seja este um chamado de amor!

Irmão Clementino

1

Por que refletir? Por que prosseguir?

Sem reflexão, o avanço pode ser ilusão.

Somos criaturas em longa jornada de reencarnações, agora um pouco mais retificadoras e lenificadoras. Espíritos renitentes com desajustes morais enraizados, repetimos, ainda, padrões de comportamentos que nos inquietam e, intimamente, suscitam-nos a necessidade de observar para identificá-los e agir para transformá-los.

Consciências embaraçadas pelos tropeços e vícios, são comuns os automatismos em nossas vidas, expressos em nossas escolhas, pensamentos e comportamentos repetidos e irrefletidos.

Durante a nova jornada terrena, mesmo diante das grandes e belas revelações ensejadas com o advento do Consolador Prometido, em muitos momentos, a criatura se vê abatida ou desanimada no confronto de sentimentos e atitudes que a razão reprova e que vão de encontro as suas novas aspirações. A alegria das ideias renovadas, da inovadora luz , vai na direção do anseio de querer avançar. Entretanto, barreiras ainda são inevitáveis e alguns padrões de conduta tisnam o entusiasmo de seguir a passos mais largos, como se desejaria. São máculas das quais a criatura ainda não conseguiu se desvencilhar totalmente.

Diante dessa realidade, se a criatura não se propuser momentos de pausa para refletir sobre seus comportamentos, emoções e sentimentos, não há como reconhecer onde trabalhar para mudar. Assim, refletir é essencial para se perceber a si mesma em suas várias nuances, e então buscar sua melhoria, nos passos que sejam possíveis, de maneira lúcida e verdadeira, sem os subterfúgios que cegam o viajor terreno.

Na busca por esse autoconhecimento, nos deparamos com luz e sombra. Alguns, em dificuldade de perceber a luz, prendem-se às sombras, desconsiderando sua condição de filho de Deus e de aprendiz da vida, esmorecendo com frequência e carecendo de incentivos para continuar. Outros desconsideram a sombra e se atrapalham com a noção da luz. Confundem-se diante dos primeiros fachos de luminosidade, o que pode levá-los a uma falsa ideia de autoiluminação conquistada rapidamente, apenas por um maior conhecimento das Leis Divinas. Desconsideram, porém, que a compreensão dessas leis está relacionada ao esforço por vivenciá-las, e nem todos já estão dispostos

a tanto.

Tais circunstâncias fazem parte da dinâmica de crescimento.

Equilíbrio para quem está em processo de reforma íntima é essencial. Não poderemos nos furtar do que somos apenas espelhando o que queremos ser. O que queremos ser depende das considerações e decodificações que fizermos daquilo que fomos e do que somos atualmente.

Se refletirmos, poderemos examinar. O resultado do exame é material para ser trabalhado. Prosseguir é decisão sensata, pois insano seria supor que devemos estacionar porque identificamos fraquezas morais.

O viajor terreno precisa manter-se confiante que Deus provê seus filhos, compreendendo sua condição de aprendiz, de espírito imperfeito. Necessário projetar a luz do conhecimento do Evangelho sobre si, para enxergar até mesmo as rugas morais mais escondidas, não para esmorecer em processo de culpa, mas para reconhecer sua condição e levantar os dados necessários para o seu plano de trabalho de vida.

Prosseguir é necessário para avançar. É compreender a dinâmica da vida, considerando os caminhos escolhidos desde o início de nossa trajetória de reencarnações. A necessidade de prosseguir deve ser reconhecida porque somos filhos de Deus, porque temos um destino vitorioso, que nos acena com esperança e consolação.

Afinal, compreendemos ou não as elucidações do Espiritismo? De fato nos julgamos espíritos imperfeitos ou usamos essa afirmação apenas como condição de aceitação formal da Doutrina Espírita? A condição de aprendizes é de fato assimilada ou é máscara do orgulho que por vezes se transveste de humildade ainda não conquistada?

O Mestre é Jesus. Nós somos seguidores ávidos por mitigar a sede de espíritos imortais que logram avançar na longa jornada de evolução. Deixemos, pois, de expressar apenas por conceitos doutrinários aquilo que deve ser vivenciado de coração.

Assim, acredita: nesta jornada em que ofereces teu óbolo como trabalhador na seara do Cristo, refletir é imprescindível e prosseguir é necessidade.

2

A alegria e o dever

A alegria de servir laureia o cumprimento do dever.

Ciente de que a experiência terrena é desafiadora, que os lobos rondam a todo tempo o campo íntimo, Jesus ensinou o amor ao próximo, como a si mesmo. E porque o amor é convite à alegria, Ele recomendou a seus discípulos que servissem com alegria.

A alegria ao executar as tarefas com as quais nos envolvemos é inerente à compreensão do dever que nos leva a executá-las.

O dever, que nos propele a agir com retidão de consciência, não deve estar em dissonância com o que acatamos realizar na obra do bem.

Aqui, vemos aquele que diz estar na evangelização infantil porque imagina ter cometido em existências pregressas crimes contra os infantes e necessita, por isso, resgatar seus débitos. Assim, muitas vezes, encontra-se sem a afinidade necessária e, então, transforma a atividade em punição.

Ali, vemos o médium que sofre sobremaneira no atendimento a enfermos espirituais - antes, durante e depois do intercâmbio mediúnico - na ideia equivocada de que para bem servir é preciso deixar-se dominar pela dor do outro. Estes movimentos acabam, muitas vezes, sobrepujando a alegria de servir a um irmão: o fazer-se casa, colo, o vislumbrar das luzes que estão naquele momento sublime alcançando o coração do comunicante.

Mais adiante, o trabalhador do bem sofre por não conseguir unicidade de ideias no desenvolvimento da tarefa, nem padrões de comportamento que julga serem os ideais. Esquece-se da orientação sublime para que cada um faça sua parte, porque de si serão cobradas as suas obras, cabendo, em relação ao outro, fazer-se o melhor no exercício da paciência, da tolerância e da compreensão.

Cada tarefa terá a atmosfera que dermos a ela.

Nesse sentido, o distanciamento entre servir e alegrar-se pode ser resultante tanto da mente aprisionada a processos de culpa, como também da ilusão de conquistas rápidas, que não considera as necessidades individuais de tempo para crescer.

A alegria de servir não representa irresponsabilidade, superficialidade, nem falta de compaixão para com a dor do próximo. Afinal, em uma casa

de socorro acolhem-se muitos doentes. Em uma escola de iluminação são amparados os ignorantes, os sedentos de aprendizado e os que buscam reabilitação. Diante disso, o servidor do Cristo não pode estar indiferente às dores, aos dramas e aos desafios que por ele passam.

O senso do dever permite o olhar compreensivo das leis de Deus e dos mecanismos utilizados para um bem maior. Ao perceber esse bem maior, acima da problemática mais evidente, reconhecemos a misericórdia divina e o nosso papel em colaborar para a instalação do bem. Compreendemos que o outro, recurso do meu aprendizado, também está em cumprimento dessas leis soberanas.

Nisso consiste a alegria em consonância com o dever.

Alegria não é dispersão, pois a verdadeira alegria é resultante da interação com o plano sublime. Decorre da harmonia com que o servidor compartilha com o seu Senhor vibrações que alimentam, reanimam, fortalecem.

Senso de dever não é empecilho para a amorosidade, nem pretexto para julgamento ou crítica contumaz que, em nome do zelo pelo trabalho, menospreza o mandamento divino de amarmo-nos uns aos outros. Ao contrário, o dever impele ao esforço por exercitar a fraternidade, a paciência, a amizade, o amor.

Alegria verdadeira não é parceira da indisciplina, em detrimento da ordem e do planejamento, pois que esses são requisitos para a efetivação dos planos desenhados no mundo espiritual por aqueles que detêm a coordenação das tarefas em nome do Dono da Obra.

Cumprimento do dever não guarda semelhança com a sisudez, que confunde seriedade com frieza, que coloca a execução de ações acima do bem das pessoas que participam do trabalho.

Se a execução da tarefa demonstra episódios de afastamento da indulgência e traços frequentes de intolerância; se nos tornamos insensíveis ao problema do outro, do irmão que ombreia na mesma seara, porque priorizamos o cumprimento de uma tarefa, é que ainda não estamos em acordo com a essência da proposta do trabalho com o Cristo.

Assim, sobre o vosso fazer na obra do bem, importa refletir sobre o que buscais.

O resgate das faltas, tendo a execução do trabalho como um amontoar de moedas a pagar pelos delitos? Tolice, o que buscais!

O castigo por meio da obra do Senhor? Loucura, o que buscais!

O atendimento à vaidade revestida de justificativas inconsistentes de amor à obra enquanto desprezas a oportunidade de humildar-te? Cegueira, o que buscais!

Quem cumpre com o próprio dever em atendimento à vontade de Deus não poderá deixar de sentir a alegria daquele que viu, creu e intercedeu.

3

A barca, o roteiro e o leme

A vontade é o dínamo para as realizações da criatura,
porém o roteiro está na consciência.

Nas águas das múltiplas existências, o Ser navega conforme seus interesses, conduzindo a vida por caminhos delineados a partir de seus sentimentos, emoções e ações. Sendo agente de suas realizações, é também o responsável pelas suas consequências.

Quando chamado à nova existência, dispomos de um roteiro de realizações possíveis, que deverá guiar-nos no rumo ideal para a consecução de empreendimentos, que visam a nossa melhoria interior. Por vezes, entretanto, transitando pelo mundo físico, afastamo-nos desse roteiro, geralmente por indisciplina, ignorância ou rebeldia.

Quando não encontram a barreira da força de vontade, impulsionando-nos ao bem, os desafios do trajeto podem nos induzir a optar por caminhos mais fáceis. E o vento das paixões, correndo livremente, pode ensejar tendências com as quais havíamos assumido o compromisso de educar, situações que nos levam ao desvio da rota estabelecida.

O navegante, quando consciente da natureza que o envolve, sabe que a navegação exige atenção e movimentos diferenciados e adequados a cada trecho. Por vezes, é imprescindível ter cautela e diminuir o ritmo; em outros momentos é preciso acelerar. Somente percebe essas forças aquele que considera e respeita as Leis Divinas, expressas em a natureza.

Em relação ao Ser, que tem sua trajetória também regida por leis da natureza, perceber tais forças requer conhecer-se a si próprio e ter consciência que tudo é regido pela Lei de Ação e Reação.

A crença que Deus é amor, justiça e caridade, deveria impelir-nos, também, a entender que as adversidades ou desequilíbrios enfrentados são obras próprias, resultados das escolhas do sentir e do agir.

Em meio às provas e às expiações, é preciso navegar, transitando pelas águas da vida, como uma barca. Porém, viagem sem roteiro é barca sem leme!

E toda barca está sujeita às condições da natureza: chuvas, rajadas de vento, brisa leve, tempestade, águas rasas ou profundas, correntes leves ou

agitadas. Mesmo sendo situações provisórias, para serem superadas, não prescindem da vontade atuando sobre o leme.

Se, naquilo que lhe cabe fazer, o Ser somente espera por Deus, coloca-se na posição de inconsciente e preguiçoso, ignorando as soberanas leis. Deus provê; porém, espera a cooperação de seus filhos, para que estes sejam os responsáveis reais por suas conquistas. Os recursos proporcionados pelo Criador são inúmeros, mas não basta dispor deles, é necessário querer utilizá-los.

Se te dispões verdadeiramente a crescer, deixando para trás a criança espiritual que habita em ti, toma, pois, as rédeas de tua existência. Assume a responsabilidade por teus méritos ou provações - que são advindas, sem dúvida, de tuas escolhas - amadurecendo pelo conhecimento de si mesmo, que liberta pelo autoacolhimento e propele à renovação.

Não há maior miséria que a provocada por espinhos, cruz ou algemas, impostas a nós por nós mesmos. Assim como não há maior tesouro do que o conquistado pela liberdade de consciência, pelo esforço e méritos próprios.

Cuida de ti, da tua barca, ciente de que ela tem roteiro a ser seguido, mas que navega conforme a condução que dás ao leme da tua própria vontade.

4
A necessidade e a busca

E cada um, sabendo o que deve ser feito,
provê conforme a natureza de sua necessidade.

Toda criatura traz consigo necessidades existenciais, sendo a maior delas a de se aprimorar, enquanto espírito imortal. Como atender a essas necessidades depende do autoconhecimento, seremos sempre impulsionados pela Providência Divina, que segue resoluta amparando a todos, a fazer escolhas, tomar decisões, empreender esforços: buscar. No entanto, para atingirmos nossos objetivos existenciais, não basta ter à disposição os instrumentos, os recursos que a vida nos dá. Importante conhecê-los e, sabendo a função de cada um, utilizá-los de forma adequada.

Ao pensarmos em nossa participação no templo religioso, é imperioso refletirmos sobre os objetivos que nos motivam a ser partícipes dessa ou daquela atividade, ou seja, quais os motivos de nos vincularmos a ela e, portanto, quais as razões da nossa busca. Quando não as identificamos, ou ainda, quando tais razões são superficiais ou movidas a impulsos, é certo que superficial também será nosso ânimo.

Não compreendendo as razões mais profundas, afastamo-nos da essência de nosso trabalho e do propósito de seguir o Cristo. Nesse ponto, o desânimo é certo e ficamos em grande perigo, suscetíveis a abalos emocionais, a interferências espirituais e, ainda, a inspirações oriundas de fontes duvidosas.

O estudo e a reflexão, que proporcionam o autoconhecimento, serão sempre necessários àquele que quer avançar e que não está apenas em busca de um resultado quantitativo ou qualitativo da atividade em si. Não basta alcançarmos esses resultados, é importante saber que objetivos queremos atingir e a melhor forma de utilizar o que temos à disposição.

A falta de estudo da essência das atividades do lar religioso fez e fará muitos esquecerem a razão de sua vinculação com esse lar. A inexistência de avaliação constante das atividades fez e fará muitos abandonarem tarefas por motivos comezinhos. A ausência de estudo de si mesmos fez e fará muitos encontrarem motivos mesquinhos para se debaterem em questões infrutíferas, fugindo à autoanálise.

Quando não temos claro quem somos e, consequentemente, o que de fato precisamos, não sabemos selecionar o que é necessário e acabamos dando

maior atenção ao que é supérfluo. As necessidades ilusórias nos induzem a atitudes e buscas igualmente ilusórias. As escolhas não sedimentadas no necessário nos arrastam para tarefas, situações e ações nas quais, afinal, surge o sentimento de tempo perdido.

Se quiseres atender às tuas necessidades reais, observa atentamente o teu mundo interior, avalia as tuas escolhas e reflete sobre o que buscas. Realiza a obra do Senhor em ti, para que nas obras exteriores encontres alimento.

É importante avaliar, frequentemente, aquilo com que nos compete contribuir, dentro das possibilidades que já detemos.

Sabendo o que queremos e o que podemos oferecer, temos melhores possibilidades de obter êxito e de encontrar motivação para a consecução das nossas tarefas, com consciência das responsabilidades abraçadas.

5
A charrua e o cavalo

Para ser fértil ao crescimento do bem,
o terreno íntimo requer cuidado com o preparo.

Diante da decisão de seguirmos o Cristo, empreendendo o bem em nossas vidas, por abençoada escolha própria, é necessário refletirmos cuidadosamente sobre a nossa condição. É preciso haver compatibilidade entre o que somos e os instrumentos de que nos utilizamos para avançar nesse terreno.

O homem, em razão do orgulho ou pela falta de percepção de si próprio, muitas vezes, empreende ações, as quais não tem condições emocionais ou morais de sustentar, não alcançando seu intento ou caindo em desequilíbrio.

Observa-se tal situação quando o candidato a trabalhador do bem, no ato de eleger as tarefas para participar, o faz com excessos de manifestações ou sem a adequada reflexão, oferecendo-se ao trabalho na condição tão somente de doador, como se ele próprio não fosse o maior necessitado.

O Cristo nos convida a realizar o bem como meio para aprendermos a vivenciá-lo e internalizá-lo.

A falta da imprescindível reflexão sobre esse convite leva muitos trabalhadores a conduzir suas tarefas sem avaliar como está ficando o terreno arado.

As incompatibilidades entre o Ser e o instrumento – cavalo e charrua – são responsáveis pelas dificuldades na ultrapassagem das pedras do caminho, interrompendo a marcha, ou pelo esmagamento destas, causando danos e distorções no terreno.

Uma pequena charrua atrelada a um grande cavalo não acompanhará a força e a velocidade empreendidas pelo animal, vindo a desequilibrar-se pelo caminho. Da mesma forma, grande charrua atrelada a um pequeno cavalo não conseguirá se deslocar, podendo mesmo estagnar.

O autoconhecimento é compromisso do homem consigo mesmo. A não observância de sua necessidade o induz a escolhas instigadas por motivações que não consideram o Ser como aprendiz. Essa inobservância, ressaltando, muitas vezes, uma condição de culpado ou de pseudorrenovado, quando, na verdade, empreende os primeiros passos de melhoria e de conquistas ainda em via de aquisição, caso persista no caminho do bem.

Nesse contexto, é comum percebermos trabalhadores da lide espírita, inse-

guros ou inquietos, questionando-se sobre estarem ou não no caminho certo. De um lado, há os temerosos em assumir compromissos, por receio de não estarem suficientemente preparados, deixando para mais tarde o que lhes fortaleceria e traria experiência. De outro lado, há os acumuladores de funções, sempre bem intencionados. Entretanto, por não discernirem quantidade de qualidade e nem observarem seus movimentos, não conseguem organizar o seu tempo e agem sempre a galope, o que lhes fustiga as forças e lhes traz inquietudes.

A vida pede que tenhamos ações pensadas, que busquemos a lucidez, que entendamos as razões de nossas buscas para assim termos condições de avaliar se estamos ou não crescendo espiritualmente.

Somente buscando a proximidade com Deus, pela oração, pelo cultivo dos bons pensamentos e pelo exercício da meditação, teremos a lucidez necessária para agir, não mais como crianças impulsivas, mas como o homem que pensa e repensa o seu fazer, que emprega o seu tempo e a sua energia em seu processo de melhoria real.

A prática de ações que nos levam ao exercício do bem, indica a necessidade de burilamento de sentimentos já despertos e também de ativação de outros ainda não vivenciados. E por anunciar essas necessidades, o terreno íntimo deve ser olhado com muito cuidado e atenção.

Conhecer-se é trazer luz para a própria existência. Para isso, é preciso humildade para não termos medo de ver quem somos; é preciso paciência para esperar que etapas sejam vencidas; é preciso fé para sentir que nesta jornada não estamos sós, confiando que Deus nos guia, provê e compreende nossas necessidades. Por fim, é preciso cultivar o amor, que unirá tais virtudes e nos possibilitará, conduzirmo-nos, sabiamente, pela vida imortal.

Fertilidade é a capacidade de ceder nutrientes e cuidar do solo, é fornecer aquilo que ele precisa.

Portanto, se pretendes de fato crescer, é preciso cuidar do terreno íntimo, oferecendo a ele o necessário a fim de que nele o bem se propague, tornando-o solo fértil.

6

A cruz e o caminho

E a cruz que ele carregava nos ombros, com o peso, desabou.
Deixou-a então no caminho, mas outra cruz encontrou.

A cruz é prova ou expiação, passageiras, necessárias ao nosso aprendizado e fortalecimento. O caminho não se fará mais curto porque a deixamos para trás; ao contrário, compromissos relegados alongam a estrada e podem ensejar cruz mais pesada.

A cruz e o caminho são meios de retornarmos ao Pai, como o filho pródigo, após nos afastarmos D'Ele por ignorância e capricho. O caminho só será percorrido de forma vitoriosa, se levarmos acomodada a nossa cruz, a qual, certamente, com o seu peso incomoda, machuca, às vezes mina as forças. Não por acaso, surgem os cireneus para aliviar e ajudar a prosseguir.

Como querer colher no caminho flores que não plantamos? Assim, louvemos as pedras, isto é, as dificuldades do caminho que nos fortalecem os braços, tornando-nos aptos a manejar enxadas, com as quais poderemos tratar a terra, efetuar o plantio e contar com as flores da esperada colheita.

Sendo Jesus nosso modelo e guia, não há como assumir atitude diferente daquela adotada por Ele, no Monte das Oliveiras, a caminho do seu encontro com a cruz, quando, orando, afirmou: "Meu Pai [...] seja feita a tua vontade"[1].

[1] Mateus 26:42

Nossos compromissos nos são confiados à medida de nossas possibilidades. Confiemos, pois, Naquele que, com toda bondade e justiça, provê a programação de nossas existências, a fim de que dela saiamos mais fortes e exitosos.

Pensa, pois, no caminho que percorres e na cruz que carregas e bendize ambos. São símbolos, fortes e marcantes, deixados pelo Cristo, não por acaso, para nossa reflexão.

Trabalha incessantemente, irmão da Terra, fortalece-te nesta caminhada para que ela venha a ser redentora.

Ah, meu irmão! Se tivesses noção do que significa sentir-se próximo de Deus, carregarias com mais perseverança, resignação e fé a cruz que te é antídoto para as dores e mazelas da alma. Aguardarias com paciência e revigorarias as forças para continuar no caminho, passando pelos desafios ainda necessários.

Pensa que o teu destino é subir aos céus. A cruz um dia encontra o derradeiro ponto final e então ao invés de carregá-la, chegará o momento em que ela te erguerá, para mais próximo de Deus.

7
A dor e o porvir

Bendito aquele que quando a dor bate à porta, já tem acesso ao remédio.

Há muito, a Doutrina Espírita reforça aquilo que o Mestre Nazareno, há mais tempo ainda, ensinou para a humanidade: a dor como consequência de nossos desatinos e de nosso desamor. Quando, porém, conhecemos o remédio, o porvir se apresenta clemente e emoldurado e, ainda que a dor lateje, temos a esperança de que, aplicando o medicamento, o tempo irá curá-la.

Estando na Terra na condição de aprendizes e doentes, em sua maioria, reconheçamos que, em uma escola, precisamos estudar, realizar tarefas, responder a testes e provas, de forma a avaliar o aprendizado. Em um hospital, precisamos nos dispor a receber o tratamento, tomando o remédio, ainda que amargo, para que a cura seja possível.

Os estudos das obras básicas codificadas por Allan Kardec não devem ser mero movimento intelectual. Cada traço, cada capítulo desse tesouro é a vida em letras.

O sofrimento que não encontra significado, ensejando a imersão na rebeldia, é como ácido aplicado na ferida, tornando a dor ainda mais aguda.

Forjar o conhecimento sem a prática desmerece a nobreza do conteúdo. Usá-lo, igualmente, apenas para dar conselhos a outrem, como receita pronta, possibilitará proveito ao outro, mas a nós mesmos funcionará apenas como válvula de escape, tal como a ilusão dos tempos em que, depositando a moeda no gazofilácio, pensávamos estar quites com Deus.

Bendito aquele que tem, à luz da Doutrina Espírita, acesso ao remédio do Evangelho e pode aplicá-lo quando chegar o momento de testemunhar sacrifícios, como discípulo sincero de Jesus.

Assim, reconhecer e aceitar a dor como instrumento de aprendizado e de regeneração é imprescindível, para o que a fé raciocinada é primordial.

Enquanto não adentrarmos às portas da sublime libertação do orgulho, sentimento que esmalta a fragilidade íntima, seguiremos considerando a dor apenas como castigo.

Jesus, que sempre foi exemplo, não fugiu ao momento dos desafios, que até hoje marcam os cristãos. Suportou, aceitou e deu testemunho de fé até

o último instante na cruz. Não escutamos de seus benditos lábios nenhuma acusação a quem quer que fosse, em busca de um possível culpado. Não expressou desespero ou rebeldia, ainda que com as carnes dilaceradas e ao som grotesco do repúdio de parte de um povo. Ao carregar o madeiro, sob açoites e injúrias, a ninguém insultou, antes exorou a Deus dizendo "Pai, perdoai-os, eles não sabem o que fazem", em atitude de amor e fraternidade.

Sendo Ele, o caminho, a verdade e a vida, modelo de conduta, podemos ainda não alcançar sua capacidade de resiliência, resignação e fortaleza moral, mas sua referência nos mostra o que alcançaremos se seguirmos esse caminho.

Julgar que, por nossos recentes passos no bem, não precisamos das provas é desmerecer tantas outras elucidações do Evangelho e o próprio exemplo do Cristo.

O orgulho, que nos faz usar máscaras invisíveis, cria a ideia da pseudo-elevação. Então, julgamos que a dificuldade é dissonante de merecimento. Mas, bendito é aquele que passa pelas provas quando já possui recursos fortalecedores para recebê-las em condições de suportá-las e avaliá-las. Eis o merecimento.

8

A quem sirvo?

Servindo ao mundo,
descobriu que servia a si mesmo.
Servindo no mundo,
descobriu que servia a Deus.

Os termos "servir no mundo" e "servir ao mundo" trazem diferenças substanciais. "Servir no mundo" é empregar os talentos que atraem valores reais, que encontrarão ressonância no Espírito, seja no labor diário, na entrega à profissão digna ou no serviço ao próximo sem remuneração. "Servir ao mundo" é atender a si mesmo, em atenção ao orgulho e ao egoísmo milenares.

A quem serve o carpinteiro em sua humilde oficina, laborando, primoroso, na construção de cada uma das peças que se encaixarão para se transformarem nos móveis que irão compor os lares?

A quem serve o agricultor que ara a terra, suportando o calor do sol e o frio da chuva, com intensidade das forças físicas, respeitando as estações, cultivando o plantio que sustentará a população?

A quem serve o moleiro que dia a dia esmaga os grãos em exercício de repetição e persistência, transformando-o em recurso para a produção de tantas utilidades alimentícias?

A quem serve o padeiro que, não obstante, o calor da fornalha, empreende esforços em sovar a massa com firmeza, para dar leveza e maciez ao pão que irá matar a fome das famílias?

A quem serve o jornalista que, no esforço de concatenar ideias e investigações, na lucidez das interpretações dos fatos, na harmonia das palavras, organiza o texto que levará notícia e informação a toda gente?

Muitos são os trabalhadores que, diariamente, nas lides do mundo, entregam-se pela vocação. Servem ao Criador, contribuindo na organização do trabalho humano, que não prescinde da diversidade de talentos para que, na cadeia produtiva e de subsistência do homem, as etapas necessárias sejam executadas. A colaboração faz parte da vivência do Ser consciente, que percebe na reencarnação a possibilidade de ser útil e, assim se colocando, de aprender o que precisa ser aprendido.

Quando percebemos que o fruto do trabalho é o bem que fazemos ao outro e a nós mesmos – conscientes de nossas potencialidades e possibilidades - servimos com vontade e atendemos ao chamado de Deus. Nessas circunstâncias, a obra do homem será sempre dignificada, pois, na sua execução são empregados bons sentimentos e valores.

A ignomínia humana, entretanto, distorce a visão do nosso modo de servir. Quantos aqui e ali acreditam servir ao Cristo apenas com palavras, querendo convencer a si e aos outros, mas distantes do que necessita a alma.

Daquele que ainda não identificou a vontade de Deus alinhada às suas necessidades de espírito em evolução, é comum escutar-se "estou servindo ao Cristo", junto com lamentações sobre esse servir. Dessa forma de perceber-se obrigado a servir, muitas vezes, sobressai uma vontade ilegítima, por estar agregada a valores delituosos do Espírito - o orgulho, a vaidade, a presunção disfarçada de humildade - que corroem muitos corações nas fileiras evangélicas. Para estes, servir ao Cristo ainda é realidade distante.

Servir com Ele implica na necessária reflexão sobre o que de fato escolhemos fazer nas lides evangélicas com as quais nos ocupamos. Se não houver essa observação, o questionamento à própria consciência, na consulta interior que educa, estaremos servindo a interesses próprios, que se desdobram em cobrança contínua ao comportamento alheio, em crítica contumaz, em insatisfação, em lamentação da falta de tempo e de alegria, assemelhando a imolar-se ao sofrimento, causado pela rebeldia interior, nascido nas fontes do orgulho.

Aceitar e seguir os desígnios de Deus, tendo Jesus como modelo e guia, é também aceitar-se como um Ser portador de bagagem milenar. É reconhecer as suas conquistas e potencialidades, respeitando as suas deficiências e ignorância parcial.

É preciso escutar a voz do coração, sondar a consciência e perguntar a nós próprios que razões nos movem, bem como refletir sobre as atitudes que tomamos e os movimentos que empreendemos em relação ao outro. Muitas vezes, somente com essa reflexão, capturamos o retrato da essência de nossas ações que, com frequência, temos dificuldade de enxergar.

É imprescindível o obreiro do bem observar a quem serve, o que somente será possível com a autoiluminação, por meio do estudo honesto das Leis de Deus, e com o autoconhecimento, através do estudo de si mesmo.

Tendo o amor como a grande arma, há tempos anunciada, é necessário travar o bom combate contra os inimigos, ainda residentes dentro de nós, que constantemente montam campana para, a qualquer momento, desencadearem pequenas batalhas ou declararem uma guerra.

Deflagrada tal guerra, a paz somente virá quando esses inimigos forem descobertos e compreendidos, identificando-se suas fontes, transformando-os um a um.

Observemos aqueles trabalhadores que, no silêncio do seu labor, realizam o seu melhor. Constataremos a habilidade e o zelo do carpinteiro, a resistência e a paciência do agricultor, a precisão e a persistência do moleiro, o esforço e

abnegação do padeiro, a observação e estudo do jornalista.

Façamos o mesmo e estaremos servindo no mundo, com Jesus, atendendo à vontade de Deus.

9

A verdadeira obra do Cristo

Porque não fomos chamados a erguer templos,
mas a seguir o Mestre, amando ao próximo como a nós mesmos.

Já no Egito antigo, a grande preocupação dos faraós e líderes religiosos era a construção dos templos. Em tais edificações, suor, sangue, sofrimento, trabalho escravo e muito tempo foram consumidos.

Na Grécia de outrora, os templos faziam parte dos interesses da sociedade, reunindo todas as atenções, consumindo boa parte do tempo das pessoas com os ritos.

O Império Romano também se ergueu valorizando os templos para adoração dos deuses, empregando as forças da população menos abastada para construí-los.

Na época das Cruzadas, em nome da construção do reino de Deus na Terra, e tendo nas igrejas o símbolo do sagrado, os povos lutaram, agrediram-se, espoliaram-se.

Contam-se aos montes as construções grandiosas espalhadas pelo mundo: templos, castelos, mausoléus, todas erigidas em nome de Deus, em grandeza monumental, abrilhantando os olhos, impondo sua força. O poder instalado de forma equivocada.

Perguntemo-nos, entretanto: onde estão os templos construídos por Jesus? Solicitou Ele, em algum momento de sua missão, a indicação de um local destinado às orações, senão o templo do próprio coração?

Marcou Jesus sua jornada peregrinando e utilizando a Natureza como o mais preponderante cenário de sua exemplificação. As bem-aventuranças tiveram como paisagem o céu, as árvores, o monte, em harmoniosa beleza.

A dinâmica da pedagogia do Mestre organizou cenas, histórias e personagens para fundamentar suas lições. O Cristo serviu não apenas aos irmãos que frequentavam esse ou aquele lugar, não apenas aos doentes do corpo ou da alma, porque se considerarmos a condição dos habitantes da Terra, ontem e hoje, doentes somos todos nós.

Ao bom cristão, o cenário é o mundo, o lar, o ambiente profissional, a esquina da rua, onde quer que se encontre. Delimitar espaço para servir ao Cristo é limitar as possibilidades de atuar em consonância com seus divinos

ensinamentos, pois Ele nos afiançou que onde quer que se reunissem dois ou mais em seu nome, ali Ele estaria.

Não há dúvida de que os templos, como ambientes abençoados, têm papel útil na organização dos movimentos religiosos, mas apenas fazem parte de um conjunto de possibilidades que a vida nos oferece para servir ao Cristo. Se nos vincularmos a atividades ou instituições, com zelo excessivo ou apego, sem uso de bom senso e autoavaliação, faremos desses respeitáveis locais ambientes de fugas existenciais.

A vigilância precisa ser constante, porque hoje, assim como ontem, as criações exteriores do homem continuam se edificando acima da verdadeira obra do bem e, quanto mais altos seus muros, mais bloqueiam a vista de tudo o que está ao redor.

Atentemos para essas verdades para não criarmos amarras mentais, bloqueando o nosso crescimento espiritual em nome de construções, posições, atividades, cargos ou tarefas. Lembremos sempre o exemplo de Jesus. Ele nos convidou ao serviço e nos mostrou a oficina: a vida!

O mundo aguarda nossa contribuição, especialmente o mundo interior, onde a verdadeira religião se processa, pois, é nos recantos da alma que fazemos a ligação com Deus.

10

Seguidores de hoje

Mesmo imperfeitos,
Jesus conta conosco na construção do reino de Deus na Terra.

Na romagem terrena, em busca da felicidade, muitos companheiros adotam o Cristo como modelo e sua doutrina de amor como parâmetro. E não O tomam apenas como alvo de crença, mas também se candidatam a trabalhar na obra da construção do reino de Deus na Terra.

Nesse propósito, tais trabalhadores deparam-se com óbices, entre os quais, sobressaem a falta de confiança em si mesmos e no amor de Deus.

Entretanto, é preciso confiar na misericórdia divina e reconhecer que essa construção é longa, porque começa dentro de nós mesmos, e desvendar labirintos interiores pode ser demorado e doloroso, proporcional a nossa imperfeição. Nem por isso Jesus deixa de contar conosco.

Se observarmos os apóstolos escolhidos por Jesus, encontraremos ricas oportunidades de aprendizado e reflexão. Analisando as características pessoais de cada um, constata-se que diferem tanto pelos traços de personalidade, quanto pelas dificuldades que protagonizaram.

Tomemos o exemplo de Tomé, cético e questionador, mas também determinado e altruísta;

João, inquieto e impulsivo, contudo amoroso e dedicado;

Mateus, crente em um messias judaico, porém presto em seguir Jesus e registrar Seus feitos;

Judas, iludido quanto à forma de instalação do reino de Deus, inobstante ativo e sedento de justiça;

Bartolomeu, apegado a crenças atávicas, todavia com honesta devoção religiosa;

Simão, temerário, embora fervorosamente zeloso;

André, sonhador e ainda buscando firmeza nos propósitos, entretanto disposto e intrépido;

Pedro, titubeante e invigilante, em princípio, com o tempo investiu-se de liderança e força moral, convertendo-se em uma das bases sólidas para difusão do Cristianismo.

Para estes e para os demais, poderiam ser listadas muitas outras características, virtuosas ou não. O fato é que todos enfrentaram desafios e provas, consoante suas necessidades.

O mesmo ocorre com os seguidores de hoje, trabalhadores da seara cristã. Esforçam-se por contribuir com a obra, no silêncio das tarefas mais simples ou expostos em missões mais ampliadas, inobstante as dificuldades que lhes são inerentes.

Não teremos nosso trabalho no bem desmerecido pelas chagas de que ainda sejamos portadores. Contudo, quanto mais aplicarmos o Evangelho em nossas próprias vidas, mais nos renovaremos e obteremos incentivos para continuar na trilha do bem.

Assim, cada um de nós pode apresentar diversos perfis de personalidade, estar em distintos estágios de evolução, adotar rotas diferentes para avançar, mas somos todos convidados, continuamente, a seguir o Cristo.

Em comum, o que caracteriza a vitória do cristão é o amor e a confiança em Deus, a abnegação e a dedicação ao trabalho, alavancas que propiciam a instalação do reino de Deus no imo de cada ser.

11

Colecionadores de religiões

Religiões são bússolas, mas somente as ações no bem conduzem o Ser a Deus.

Não são poucos aqueles que, em suas diversas encarnações na Terra, já experienciaram algumas das mais conhecidas religiões da atualidade, outras que não figuram no rol das enciclopédias ou das estatísticas e, ainda, religiões antigas que caracterizaram determinados povos nos confins do mundo, nos diversos continentes.

Muitos elegiam determinada religião meramente por padrão ideológico. Outros, como instrumento de conquistas e acesso ao poder. Diversos, para atenderem a determinações da sociedade em que nasceram. E, ainda, aqueles que, com um pouco mais de coerência, aliavam estudo e trabalho, buscando uma religião que lhes completasse os anseios da alma.

Nesse compêndio de vivências, as religiões foram experienciadas de diferentes formas: na execução dos rituais que apenas extravasavam energias e emoções mais animalizadas; nos sacramentos que diluíam momentaneamente os vapores da consciência pesada; no estudo eloquente, visando ao intelectualismo indutor do orgulho e da vaidade; na prática de atividades beneficentes que aliviavam o coração egoísta.

Guardar a contribuição de cada uma delas poderia ser proveitoso se o móvel do itinerante estivesse baseado na aquisição e vivência do conhecimento que propiciavam.

Entretanto, com tantas experimentações, equívocos, misturas de crenças e execução de ritos sem significado real, tais colecionadores de religião trazem, para suas escolhas atuais, resquícios desse passado longínquo ou recente.

Muitos até já puderam compreender a gênese e a essência dessas religiões, seguindo o vértice para o encontro com o divino. Outros, entretanto, ainda precisam de experiências que desenvolvam aspectos adormecidos do "eu". Um ponto em comum, porém, lhes marca: a dificuldade em compreender as leis divinas e em vivenciar o amor.

A religião, enquanto elo com Deus, é importantíssima contribuição para o Ser, porém, apenas como prática exterior não será determinante para o alcance das "moradas celestes".

Enquanto delegarmos à religião a responsabilidade pela nossa salvação,

estaremos como turistas em terras desconhecidas, recolhendo souvenirs, que correm o risco de se empoeirarem nas prateleiras milenares de nossa existência.

Nem mesmo a Doutrina Espírita, tão lúcida, cristalina, assertiva, libertadora, será capaz de elevar aquele que não aprendeu a exercitar o amor.

Não há diferenças entre aquele que credita ao Cristo na cruz a remissão dos próprios pecados, e os que, apesar de crentes na imortalidade da alma e na Lei de Ação e Reação, também recorrem aos milagres para resolver suas questões existenciais, seja pelo atendimento na reunião mediúnica desobsessiva, pelo estágio numa enfermaria espiritual, pelo recebimento do passe terapêutico, ou ainda, por práticas e modismos que não fazem parte da vivência espírita, tais como, cura por cores, regressões de memória, retirada de implantes e terapêuticas energéticas alternativas. Todas, medidas paliativas que podem até promover algum alívio e a retomada momentânea de forças. Porém... Quando, enfim, acordaremos do sono da ignorância e perceberemos que não há cura física ou moral sem nossa transformação para o bem?

Se não cairmos em nós mesmos, despertando de nosso cinismo e concupiscência, seremos por muito tempo ainda, colecionadores de religiões, de conhecimentos e de tarefas, sem, contudo, avançarmos na busca da perfeição.

É imprescindível não fugirmos aos compromissos de nossa transformação para melhor, renunciando aos velhos apegos de buscar fórmulas milagrosas, cientes de que, para ascendermos, precisamos adquirir capacidades, desenvolver habilidades, angariar recursos. Do contrário, sempre estaremos esperando que uma religião, uma instituição ou alguém faça isso por nós.

Entendidas essas máximas, deixaremos, aos poucos, de repetir padrões comportamentais vivenciados em muitas e muitas vidas transatas: a barganha com Deus, o uso de moeda de troca na vivência religiosa, a ilusão de que alguém foi ou irá para a cruz em nosso lugar, a remissão de erros por um ser angélico, a salvação pelo sacrifício de um enviado divino.

Somente a vivência do bem e a conquista do amor são os elementos que nos credenciarão a alcançar o reino de Deus. As experiências da subida ao Pai hão de perpassar pelo desafio, pela provação, pela dor. As religiões serão as bússolas norteando o viajor; porém, o móvel que o impele para frente serão suas próprias ações.

12

Confiai no Bom Pastor

Sede boas ovelhas para serdes bons pastores.

Um bom pastor é capaz de identificar e conduzir todas as suas ovelhas, cuidando das que estão no pasto, ao mesmo tempo que percebe as que se desviaram do rebanho, deixando seguras umas enquanto vai ao socorro de outras.

Para agir com essa desenvoltura, o pastor precisa possuir algumas capacidades, tais como: conhecimento do seu rebanho, do seu pasto e da sua responsabilidade para com eles; senso de observação e análise; espírito de liderança e dedicação.

Jesus nos foi apresentado como o modelo do Bom Pastor e sua obra na Terra registra a forma como Ele agia: com justiça, amor e bondade.

Em torno de nossa atuação no bem, com facilidade, destacamos esta ou aquela situação, este ou aquele comportamento da vida de outrem, sondagens estas que não costumam ser efetuadas com a mesma percepção e perspicácia quando voltadas para nós próprios.

Não podemos impor nossas regras ou concepções àqueles que compartilham conosco algum canal de relação, pois a imposição sempre será medida agressiva.

Cuidar, socorrer, auxiliar e esclarecer são, sem dúvida, ações daqueles que buscam vivenciar a caridade, alijando aos poucos o egoísmo de suas vidas. Importa, entretanto, avaliarmos os limites dessa atenção e interferência. Sob o impulso da boa vontade, podemos oferecer ajuda, segundo nossas possibilidades, porém impô-la, jamais!

Afinal, ainda somos meros aprendizes com concepções e entendimentos temporários ou parciais, o que nos limita a visão e estreita a compreensão sobre determinadas conjunturas vivenciadas por outro irmão.

Muitos companheiros se agastam na condição de pastores, a que ilusoriamente se autoelegeram, ocasionando dissensões, conflitos, críticas e investigações sobre o outro, consumindo tempo precioso e envenenando o pensamento, as emoções e os sentimentos. Por isso, saibamos discernir o que de fato é nossa responsabilidade daquilo que criamos e supomos como sendo nosso papel, forjando interesses personalistas que mascaramos com o nome

de zelo.

Por miopia espiritual, facilmente detectamos as intemperanças exteriores, mas temos dificuldades em identificar nossas próprias distonias no servir.

Importante refletir que, quando cuidamos de nós, estamos naturalmente cuidando do outro, pois ...

Quando harmonizados, conseguimos amparar com maior prudência e menor julgamento.

Quando pacientes, nossos pensamentos se organizam e encontram inúmeras possibilidades de esclarecer.

Quanto mais nos humildamos, mais nos conscientizamos que somos apenas aprendizes, tornando o olhar mais dócil.

Quando nos esforçamos na busca do autoconhecimento, mais indulgentes nos tornamos frente à dificuldade do próximo, por constatarmos, em nós próprios, o quanto é custoso mudar.

A humildade nos estabelecerá limites de intervenção e a cota de amorosidade nos deixará serenos para auxiliar sem impor, esclarecer sem ferir, amparar sem violar.

Valorizemos nosso ensejo de preocupação com o próximo, respeitando seu livre-arbítrio e não olvidando de que Deus, conhecendo profundamente as necessidades de cada um de seus filhos a todos e a tudo provê.

Tu, que destinas tua atenção e dedicas tempo excessivo na preocupação com as circunstâncias de outrem, em detrimento dos próprios deveres, observa e reflete sobre a tua fé e compreensão dos desígnios divinos.

Exercitemos pastorear nossa própria esfera de ação, aplicando indulgência, serenidade e compaixão, o que nos levará a uma avaliação ou intervenção mais sábia quando estivermos tratando do campo alheio. O trabalho no bem será sempre uma oficina para o exercício do amor, ainda que em fase infante.

Esforçando-nos em aplicar o Evangelho em nossas vidas, atenuamos a acidez de nosso julgamento. Confiar no Bom Pastor, é também confiar que existem forças superiores que velam pela obra de Deus na Terra. E é, também, conduzir nossas ações sob a égide dos ensinamentos de Jesus.

Sejamos antes de tudo boas ovelhas, o que nos credenciará naturalmente para o papel de bons de pastores.

13

Construindo a casa "sobre" a rocha

Edifica sempre com alegria para que tua obra não venha a ruir.

Inobstante ser o ensino do Cristo para se edificar a casa "sobre" a rocha, há quem a esteja construindo "sob" a rocha. Para estes, o trabalho realizado é peso enorme sobre os ombros, trazendo angústias e desgastes emocionais. Pesam, também, os sentimentos e os julgamentos que fazem de si mesmos e dos demais companheiros que lhes compartilham a jornada.

Por certo, o Cristo espera que trabalhemos com Ele, mas que o façamos com alegria, de forma que o trabalho no bem nos seja tal qual o sol a iluminar a caminhada, clareando os passos, tornando-nos melhores.

Muitos irmãos na lide terrena, diante do trabalho no bem que se lhes apresenta como alavanca para a evolução, em recebendo os convites e orientações dos espíritos nobres, colaboradores da difusão da Doutrina Espírita, nem sempre conseguem compreendê-los.

Os chamados à limpeza das retinas e dos ouvidos dão-se pela necessidade de humildade, condição em que todo e qualquer trabalhador da lide cristã deve se colocar. A falta de humildade pode tisnar a visão, abafar a audição, pesar e fechar o coração.

Considerar o trabalho como meio de resgatar "carma" ou aliviar peso de consciência é visão equivocada, resquícios de culpa do ser que, tendo vivenciado crises existenciais, quedas e tropeços em sua jornada, caminha com nuvem escura sobre a cabeça, com a visão do Deus que pune. Nenhum trabalho executado por tais motivações poderá trazer alegria; ao contrário, poderá trazer angústia.

A casa "sobre" a rocha é o ideal sustentado pela sabedoria daquele que, em conquista de si próprio, reconhece suas dificuldades, mas também os potenciais em desenvolvimento e, calcando as pedras ao solo, levanta paredes com a segurança de quem sabe que é filho de Deus, sem ter a pretensão e o ingênuo pensamento de que apenas o trabalho, como esforço diário, edificará a casa.

Aquele irmão que difere das tuas ideias e aquele outro que inquieta teus sentimentos, são ambos, assim como tu, filhos de Deus. Busca vê-los, pois, como companheiros, e não como adversários.

O melhor que puderes fazer na tua jornada, faze-o com alegria. Não basta, pois, a firmeza do solo. É necessário, também, garantir a qualidade do material com que se constrói a casa, para que esta não venha a ruir a menor intempérie.

Observa o trabalho que te dispuseste a realizar na obra do Cristo. Por que o fazes? O que sentes ao fazê-lo?

A medida da alegria e do amor em tuas respostas indicarão se estás construindo "sob" ou "sobre" a rocha.

14

Cordeiros de Deus

O lobo, ainda que sob a pele de cordeiro, continua emitindo uivo.

Disciplina no esforço em melhorar-se é medida saudável, diferente do agir superficialmente, apenas disfarçando emoções e sentimentos, ao invés de domá-los e educá-los.

Na ânsia de apresentar-se em melhor posição espiritual, por orgulho, ignorância, vergonha ou medo de mostrar quem realmente somos, tentamos ocultar a nossa verdadeira face, usando máscaras.

Por falta de compreensão da proposta de Jesus, que é modelo de perfeição, o trabalhador cristão, muitas vezes, quer avançar além do que pode alcançar.

Tal comportamento é comum, especialmente em ambiente de convivência religiosa, onde os defeitos possam parecer mais escabrosos e sujeitos a julgamento de outrem. Então, o polimento social induz posturas amestradas, não naturais.

O recolhimento íntimo, a avaliação das virtudes e dos defeitos, potenciais e ativos, dão consistência para uma melhor percepção de quem somos, além de funcionar como exercício de humildade.

Reconhecendo que o esforço e o trabalho são molas propulsoras para nos aproximarmos do Cristo, ampliamos a compreensão de que temos grande parcela de responsabilidade sobre o estágio em que nos encontramos hoje.

Jesus, como Mestre e grande educador, utilizou comumente parábolas, expressões e elementos do cotidiano do povo para melhor transmitir seus ensinamentos. Porém, muitos de nós ainda nos detemos na superfície de sua mensagem.

"Eis que eu vos envio como cordeiros em meio de lobos ...". A frase configura bem o estágio evolutivo de nosso planeta.

A expressão "como cordeiros" é um comparativo, tanto quanto "lobos". Estamos em situação em que, numa mesma existência, um e outro podem ser elementos presentes e característicos de nossos comportamentos, porquanto, ainda imperfeitos, somos aprendizes, em processo de evolução.

O foco apenas na superfície é uma distorção mental do espírito que não exercita o estudo e que tem medo de olhar-se profundamente. Essa posição,

em termos morais e intelectuais, ainda é a mais cômoda para alguns. É preciso perceber-se como se é, pois só a verdade permitirá a transformação.

Para desvendar-se é preciso levantar o véu. Para avançar é preciso coragem. Não se esconder, mas assumir para si mesmo o que falta conquistar. Não se disfarçar, mas domar-se através do estudo e da disciplina.

Em processo, apenas estamos.

Em estágio, tudo é aprendizado.

Somos seres em busca da autoiluminação, visto que ainda existem em nós muitos pontos de sombra. Não nos iludamos com halos celestes ainda não conquistados; nem estagnemos, em sentimentos de autopiedade e pessimismo, na figura do animal mais sombrio.

Somos herdeiros de Deus, cujas maiores heranças são a paz, o amor, a perfeição.

O olhar menos acurado frente à pedra bruta não vislumbra a joia preciosa que brilhará após a lapidação.

Cordeiro é o Cristo. Nós ainda somos aprendizes caminhando em busca de melhores condições.

15

O que te inspira?

Acende luz em tudo o que fizeres
a fim de que possas enxergar com mais clareza o que fazes.

Pelas leis que regem a comunhão entre as dimensões que se interpenetram nos planos da vida, todos os espíritos encarnados na Terra estão sujeitos à inspiração.

Em torno do tema, reconhecem os estudiosos da Doutrina Espírita que todos estão passíveis às interferências espirituais, sejam boas ou más, segundo os pendores de cada um, gerando a sintonia, consoante com o que é cultivado na casa mental.

Muitos, porém, por estarem executando tarefas no bem, consideram-se sujeitos apenas às inspirações do alto, como se fossem merecedores constantes dos encaminhamentos Divinos. Todavia, somente observando atentamente aquilo que, de fato, buscamos e realizamos, tendo a razão como guia seguro, poderemos avaliar a que inspiração estamos suscetíveis.

Nesse contexto, para que possamos perceber a essência de nossos movimentos e direcioná-los para o bem, associando-os aos resultados que buscamos, é importante reconhecer o que é meio e o que é fim.

Assim como lamparina não é luz, mas apenas um objeto que pode produzi-la, estudo também não é conhecimento, mas meio de conquistá-lo. Para conhecer, não basta somente estudar, no sentido restrito de ler diversas obras, é indispensável refletir e assimilar o novo conteúdo adquirido, confrontando-o com outros, suscitando novas atitudes, bem como novas conexões neurais, promovendo a absorção pelos sentimentos. Assim se processa no cérebro humano e no cerne do Ser espiritual.

O que ilumina a nossa vida é o movimento consciente em relação às ações que executamos em nome do bem. Tudo deve ter um porquê, passando pelo crivo da razão e pelo celeiro dos sentimentos, a fim de encontrar o caminho para o benefício da ação.

Fontes de inspiração existem variadas, o importante é identificá-las para saber se convém empregá-las em nossas ações no bem.

É preciso estar em sintonia com os bons espíritos, vínculo alcançado por meio de elevados propósitos, da boa vontade, das ações conscientes e da ora-

ção.

Quanto mais colocarmos luz nas ações que empreendermos, mais teremos clara a percepção do que nos alimenta e nos conduz na vida.